

PROFISSIONAL DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE: PERFIS, ATUAÇÕES E OUTRAS DISCUSSÕES

HEALTH INFORMATION PROFESSIONAL: PROFILES, ACTIVITIES AND OTHER DISCUSSIONS

Dayanne da Silva Prudencio^a

Janaina Costa Rodrigues^b

RESUMO

Introdução: Aborda as diferentes ocupações profissionais desempenhadas por bibliotecários na área de Ciências da Saúde. **Objetivo:** Averiguar como a literatura nacional define as categorias ocupacionais bibliotecário médico, bibliotecário clínico, informacionista e informacionista de pesquisa, bem como suas respectivas atribuições.

Metodologia: Trata-se de uma pesquisa construída por meio de uma quasi-systematic review, de caráter bibliográfico (quanto aos meios) e exploratória-descritiva (quanto ao fim), e, do ponto de vista da análise dos dados e demonstração dos resultados, com abordagem qualitativa. **Resultados:** Apresentou-se as práticas profissionais dos bibliotecários atuantes na área da saúde e suas competências. Considera que boa parte das competências necessárias são desenvolvidas em formação continuada e nas práticas de trabalho. Verificou-se que as bibliotecas universitárias inseridas em escolas e faculdades da área de saúde continuam sendo os maiores empregadores destes profissionais. **Conclusões:** Aponta a necessidade de ajustes na formação do bibliotecário para fins de atuação neste campo e que se amplie a produção científica acerca dessa atuação.

Descritores: Biblioteconomia na área da saúde¹. Bibliotecários de Ciências da Saúde². Bibliotecário médico³. Bibliotecário clínico⁴. Informacionista de pesquisa⁵. Informacionista⁶

1 INTRODUÇÃO

Conforme as civilizações foram avançando e com o surgimento das primeiras escolas superiores, na Idade Média, foi possível aprender e pesquisar no campo médico (CIOL; BERAQUET, 2009; GUIMARÃES; CADENGUE, 2011).

Com a posterior invenção de Gutenberg, em 1448, houve um aumento

^a Doutora pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Departamento de Biblioteconomia da UNIRIO. E-mail: dayanne.prudencio@unirio.br

^b Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: jan.rodrigues@hotmail.com.

exponencial do conhecimento técnico-científico no mundo e, entre os séculos XVIII e XIX, a multiplicação de textos publicados desencadeou a “explosão”¹ das informações. A velocidade e quantidade de produção técnico-científica contribuiu para que outros profissionais de saúde passassem a integrar o conhecimento acadêmico na tomada de decisão clínica (CIOL; BERAQUET, 2009, p. 222). Assim, surgiram as bibliotecas médicas, também conhecidas como bibliotecas de saúde. Em geral, sua missão é contribuir para que os especialistas possam recuperar o conhecimento científico produzido, suprimindo suas necessidades informacionais e mantendo-os atualizados para melhor atendimento aos pacientes.

A história da Biblioteconomia na área da saúde relaciona-se com as bibliotecas médicas a medida em que se faz necessário colecionar, classificar e recuperar informações acerca de um ou vários assuntos para subsidiar os estudos, prática e ação dos profissionais de saúde.

De acordo com Ciol e Beraquet (2009), as experiências nos eventos da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial impactaram imensamente o médico Archie Cochrane, que, em decorrência, desenvolveu a ideia de um projeto que reunisse toda a literatura científica sobre determinado assunto no âmbito da saúde, com a elaboração de resumos contendo todos os resultados, de forma que pudessem ser facilmente interpretados pelos clínicos durante o cuidado com o paciente. Tal procedimento ficou conhecido como revisão sistemática (RS).

A mesma ideia de utilização do conhecimento científico na promoção do melhor cuidado com o paciente é verificada no princípio da Medicina Baseada em Evidência (MBE), criado em 1991 (SACKETT *et al.*, 1996). Desta forma, há uma orientação para a integração das melhores evidências disponíveis na literatura científica com os conhecimentos clínicos e valores individuais dos pacientes. Para Li e Wu (2008, p. 6) não tem nas referências a MBE é um esforço colaborativo de profissionais de saúde e informação visando que os clínicos utilizem as informações disponíveis para fornecer o melhor tratamento para seus

¹ Termo utilizado por Peter Burke no artigo “Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna”, publicado em 2002.

pacientes.

No entanto, é importante destacar que não são apenas os profissionais de saúde que utilizam e beneficiam-se da organização, tratamento, gerenciamento e recuperação da informação em saúde. Pacientes, órgãos públicos, iniciativas privadas e toda sociedade são produtores e consumidores desse conhecimento.

Tal magnitude na diversidade e no alcance dessas ações demanda que os profissionais de informação se qualifiquem continuamente, integrem-se às ações em saúde e, principalmente, que busquem através de suas práticas contribuir com a melhoria do sistema de saúde como um todo. Não obstante, a estrutura complexa e especializada da área vem resultando em uma expertise de trabalho em informação e saúde, levando ao surgimento de novas categorizações e perfis profissionais. Diante do exposto, esta pesquisa se desenvolveu de acordo com a seguinte indagação: Quais são as ocupações possíveis aos bibliotecários de Ciências da Saúde que se fazem presentes na literatura nacional?

2 METODOLOGIA

Buscando responder à questão acima mencionada, este estudo teve por **objetivo geral** averiguar como a literatura nacional define as categorias ocupacionais bibliotecário médico, bibliotecário clínico e informacionista, bem como suas respectivas atribuições. Para o alcance do objetivo geral, destacamos os seguintes **objetivos específicos**: a) Apresentar um panorama histórico da Biblioteconomia no âmbito das Ciências da Saúde; b) Apresentar os conhecimentos, habilidades e atitudes anunciadas pela literatura acerca das ocupações acima mencionadas; c) Identificar os possíveis espaços de trabalho destes profissionais.

As bases teóricas desta pesquisa foram construídas por meio de uma *quasi-systematic review* (TRAVASSOS *et al.*, 2008), método que, segundo os autores, deriva da revisão sistemática de literatura, seguindo o mesmo rigor para as etapas metodológicas e desenvolvendo um protocolo de pesquisa, mas não adotando uma checagem cruzada com a utilização de mais de um revisor para

comparação e maior consistência de julgamento. Entretanto, a *quasi-systematic review* possui a mesma estrutura da revisão sistemática de literatura, tanto que lança mão da definição da estratégia PICO, conforme apresentamos a seguir.

Quadro 1 – Descrição da Estratégia PICO

ACRÔNIMO	DEFINIÇÃO	DESCRIÇÃO
P	Paciente ou População	Artigos de periódicos e anais de congresso.
I	Intervenção	Atuação do bibliotecário na área da saúde
C	Controle ou Comparação	Competências, habilidades, conhecimentos, perfis
O	Desfecho ou “Outcome”	Atividades e contribuição dos bibliotecários na área de saúde

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A pesquisa se caracterizou como bibliográfica (quanto aos meios), exploratória-descritiva (quanto ao fim), e, do ponto de vista da análise dos dados e da demonstração dos resultados, com abordagem qualitativa.

A pesquisa foi realizada nas bases de dados LILACS, LISA e BRAPCI. Como critério de inclusão foram adotados artigos e trabalhos publicados em anais de congresso em português, inglês e espanhol divulgados entre 1980 a 2019. Como critério de exclusão, foram adotados materiais diferentes dos mencionados, publicações em outros idiomas, itens repetidos e publicações sem resumo. Foram pesquisados nessas bases sete descritores: “Bibliotecário Clínico”; “Biblioteconomia Clínica”; “Bibliotecário Médico”; “Bibliotecário em Hospital”; “Informacionista”; “Bibliotecário de Ciências da Saúde”; “Profissional da Informação”; e Bibliotecário. As escolhas dos termos foram feitas com base nos objetivos deste estudo.

Na base de dados LILACS, foram recuperadas 134 referências, das quais 50 foram excluídas, sendo 41 por se tratar de monografias, dissertações e teses e 9 devido à repetição de artigos. Após isso, permaneceram 84 artigos para análise. Realizou-se uma leitura analítica dos títulos, resumos e palavras-chave para verificar se os artigos restantes tinham relação com a temática abordada. 73 artigos foram descartados por não apresentarem relação com a temática pesquisada. Restaram, conseqüentemente, 11 artigos após a análise.

Na base de dados LISA, recuperamos 1.236 artigos, dos quais 134 foram excluídos por se repetirem tanto no descritor pesquisado quanto nos demais descritores. Após isso, ficaram ainda 1.102 artigos para análise. Posteriormente, realizou-se leitura analítica dos títulos, resumos e palavras-chave, objetivando encontrar artigos que respondessem à nossa questão de pesquisa. Chegamos, assim, ao número de 313 artigos.

Na base de dados BRAPCI, foram recuperados 50 artigos², dos quais 19 foram excluídos por serem repetidos. Após isso, ficaram 31 artigos para serem analisados mais detalhadamente. Após leitura na íntegra, 15 artigos permaneceram.

Tabela 1 – Seleção final de materiais

Base	Quantidade recuperada	Itens que ficam após a análise detalhada
LILACS	134	11
LISA	1236	313
BRAPCI	50	15
TOTAL	1420	339

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Na seção a seguir apresentamos nosso referencial teórico.

3 BIBLIOTECONOMIA NA ÁREA DA SAÚDE

De acordo com Atallah (1996 *apud* BERAQUET; CIOL, 2010, p. 131), com a prática da MBE as etapas de diagnóstico, prognóstico e terapêutica passam a se utilizar com maior ênfase das evidências científicas. Desta forma, com a colaboração de um bibliotecário, o profissional da saúde tem melhor suporte para localizar a informação necessária e aplicada ao seu contexto clínico. Para estas autoras, a MBE é um componente importante para a implementação, difusão e aperfeiçoamento da Biblioteconomia Clínica, justificando, portanto, a atuação de um profissional da informação no âmbito da saúde e equipes médicas.

Conforme Castiel e Póvoa (2002, p. 117) nos relata, a Medicina Baseada em Evidências consolidou-se em 1991, na Universidade McMaster no Canadá,

² Não foram encontrados artigos em espanhol na base de dados BRAPCI.

sendo definida como a junção eficiente e eficaz da pesquisa científica com a prática médica. Ela utiliza a melhor evidência existente e disponível na literatura baseando-se primeiramente no problema clínico (determinando o tipo de evidência a ser pesquisada), depois identificando a melhor evidência (utilizando dados epidemiológicos), posteriormente identificando e avaliando criticamente os resultados da busca e, por último, com o consentimento do paciente, aplicando os resultados no atendimento clínico (DAVIDOFF *et al.*, 1995, p. 1085-1086)

Nesse contexto, o profissional da informação se insere e fornece importantes serviços. Segundo Davidoff *et al.* (1995, p. 1085), para um médico se manter atualizado necessitaria ler cerca de 17 artigos por dia³, ou seja, todos os dias do ano. Esses profissionais não possuem o tempo necessário para dedicar-se à análise de material, verificação da qualidade da informação e evidências médicas disponíveis. Daí a necessidade de inserção do profissional da informação nesse campo, contribuindo com a redução de tempo dos processos de pesquisa e com a tomada de decisão médica baseada em evidências (CIOL; BERAQUET, 2009; GOMES; VARELA, 2016; HLWIKI, 2016 *apud* FINAMOR; LIMA, 2018, p. 111).

O bibliotecário, na área da saúde, faz a ponte entre educação médica, leito e a biblioteca (SHERRER; DORSCH, 1999, p. 323 *apud* CRESTANA, 2003, p. 136). É este profissional que leva a biblioteca à comunidade usuária, identifica as necessidades informacionais, muitas vezes desconhecidas, e fornece apoio aos profissionais da saúde nas tomadas de decisões. Trata-se de um serviço proativo, dinâmico e que deve ser adaptado a diferentes públicos: estudantes, docentes, residentes e demais profissionais. Assim, é fundamental que este profissional esteja integrado às comunidades de práticas do setor, tenha familiaridade com as terminologias utilizadas e esteja apto a oferecer a informação necessária, antes mesmo do solicitado.

No âmbito da saúde, o bibliotecário pode atuar em variados espaços profissionais, tais como: clínicas médicas, hospitais, secretarias de saúde, institutos de pesquisa, bibliotecas universitárias de saúde entre outras. Em geral,

³ Atualmente, esse número está defasado.

sua atuação envolve buscar, filtrar e fornecer as melhores evidências na literatura com vista à tomada de decisões na prática clínica. Carvalho, Rios e Almeida (2014, p. 3) expandem a atuação do bibliotecário e o conceitua como bibliotecário de Ciências da Saúde da seguinte forma:

um profissional preparado para recuperar informações em qualquer suporte de informação, cooperando com o desenvolvimento da pesquisa científica [na área de atuação]. É um especialista parceiro dos profissionais da saúde, colaborando e orientando na busca de informação, disponível em qualquer ambiente em que elas estiverem. Busca, ainda, por informações que levem às descobertas de novos conhecimentos para auxiliar nas tomadas de decisão da área (CARVALHO; RIOS; ALMEIDA, 2014, p. 3).

Para tanto é desejável, conforme as autoras (2014, p. 4), que o bibliotecário de Ciências da Saúde possua habilidades e competências para realizar, dentre outras, as seguintes atividades:

- Identificar as necessidades de informação dos profissionais especialistas na área da saúde, disponibilizando informação científica para tomada de decisão em Saúde, com base em informação de embasamento científico de confiança e ou práticas baseadas em evidências;
- Auxiliar ativamente, orientando o profissional da saúde na realização de pesquisas bibliográficas em bases de dados eletrônicas e internet, buscando respostas e estudos relevantes a cada caso/assunto estudado;
- Cooperar no diagnóstico e na escolha do tratamento, realizando a busca e a triagem da informação relevante, fornecendo de forma rápida e confiável estudos para suporte às decisões dos médicos e dos demais integrantes da equipe, para uma prática clínica eficaz e de qualidade

De acordo com Beraquet, Ciol, Oliveira, Chiavaro e Chagas (2006), no Brasil, a interdisciplinaridade da Ciência da Informação com a Saúde ocorreu, em parte, devido à reforma sanitária em 1988, com a criação do Sistema Único de Saúde – SUS. Foi a partir disso que se começou a pensar nas possibilidades de atuação do bibliotecário em equipes multidisciplinares de saúde. Acrescentam os autores:

o bibliotecário precisa conhecer os aspectos básicos que envolvem a saúde pública no país, principalmente o que se relaciona com fontes de informação em saúde, gestão de serviços de saúde, sistemas de informação voltados à saúde, fluxos de informação e conhecimentos nas várias instâncias do SUS, arquivos e documentação em saúde, dentre outros (BERAQUET *et al.*, 2006, p. 13).

As autoras identificaram também conhecimentos, atitudes e habilidades necessárias aos profissionais da informação que desejam atuar na área de Ciências da Saúde:

Quadro 2 - Competências requeridas ao profissional da informação atuante na área da Saúde

Conhecimentos	Habilidades	Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Políticas públicas (burocracia hospitalar);• Saúde pública e SUS, assistência em saúde e epidemiologia;• Indicadores de saúde;• Processo saúde-doença;	<ul style="list-style-type: none">• Bom senso;• Ética;• Atuação sem preconceitos;	<ul style="list-style-type: none">• Comunicação verbal e não verbal eficazes;• Trabalho em equipes multidisciplinares;• Uso de tecnologias de informação, fontes bibliográficas e de informação na área da saúde;• Domínio do idioma inglês para leitura e escrita.

Fonte: (BERAQUET *et al.*, 2006, p. 11).

Esses conhecimentos, habilidades e atitudes convergem e orientam uma maior especialização no que tange a tal atuação. Essas subespecialidades são: bibliotecários médicos, bibliotecários clínicos e informacionistas. De modo geral, a categoria bibliotecário de Ciências da Saúde é uma categoria genérica, uma espécie de guarda-chuva para as demais.

Bibliotecário de Ciências da Saúde

Bibliotecário
Médico



Informacionista

Bibliotecário
Clínico

Bibliotecário Médico - Trata-se do bibliotecário atuante em bibliotecas médicas de instituições de ensino ou de saúde. Este profissional não integra equipes clínicas, apenas colabora com os profissionais da saúde nas seguintes linhas de atuação: cooperar no diagnóstico médico, realizar pesquisas acadêmicas para os estudantes de medicina, distribuir informações sobre saúde às pessoas, usar diferentes canais de comunicação para a busca de informação de qualidade, como Internet e bases de dados.

Bibliotecário Clínico - [...] atua em equipes clínicas e provê médicos e demais membros da equipe com informações que lhes permitam a melhor decisão sobre os pacientes, com base na informação científica disponível, contribuindo assim para o melhor atendimento à população. O bibliotecário clínico se ocupa das atividades de recuperação e transferência da

informação, adaptando-a às necessidades de informação dos usuários, num papel de mediador dessa informação, e não mais de intermediário.

Informacionista – [...] realiza análises de informação próprias dos especialistas em suas respectivas especialidades clínicas. Caracteriza-se como profissional de informação em saúde com qualificações adicionais obtidas por meio de formação universitária ou experiência que capacitam esse indivíduo a trabalhar colaborativamente em nível de igualdade com médicos e outros profissionais de saúde de forma a encontrar a informação necessária durante o cuidado ao paciente e a pesquisa médica. (BERAQUET *et al.*, 2007, não paginado).

3.1 BIBLIOTECÁRIO MÉDICO

Crestana (2003, p. 135) aponta que as bibliotecas médicas acadêmicas são um espaço de divulgação científica e possuem o importante papel de preparar e treinar os estudantes, pesquisadores e profissionais da área médica a buscar e acessar as informações na literatura médica. Para tanto, faz-se necessário a atuação de um profissional especializado em Ciências da Saúde, dando assistência ao usuário nas suas necessidades de estudo e pesquisa.

Schaner (2001, p. 717) relata que as primeiras coleções de livros médicos eram pertencentes a colecionadores particulares, sendo as bibliotecas formadas por essas coleções particulares. Durante muito tempo estas coleções foram gerenciadas por especialistas e posteriormente por bibliotecários generalistas. O pleno exercício das práticas profissionais levou à especialização:

a prática da Biblioteconomia Médica teve sua origem nos EUA, e destacou-se pelas iniciativas na formação de bibliotecários médicos, que, desde 1898, promovem encontros anuais destes profissionais através da Medical Library Association (MLA). (AZEVEDO; BERAQUET, 2010, p. 204).

É importante lembrar que a especialização surge apenas onze anos após a criação do primeiro curso formal de Biblioteconomia no âmbito superior, que se deu na Universidade de Columbia, em 1887. Em 1917 já existiam 174 bibliotecas médicas nos Estados Unidos, confirmando cada vez mais a necessidade de bibliotecários com treinamento ou especialização para atuar nestas instituições (SCHANCHER, 2001). Em 1939, a Biblioteconomia Médica foi reconhecida como profissão. Em 1947, a MLA adotou um programa especial de treinamento e em 1948 foi ofertado o primeiro curso na Universidade de

Columbia, em Nova York. O segundo curso foi ensinado na *Emori University*, em Atlanta, em 1951, com foco na literatura médica.

As primeiras bibliotecas médicas acadêmicas brasileiras estão relacionadas com as primeiras escolas de Medicina, como a Faculdade de Medicina do Terreio de Jesus, Salvador-Bahia (1808), e a Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Hospital do Morro do Castelo, também criada em 1808 por D. João VI (CRESTANA, 2003, p. 136).

Para Galvão e Leite (2008), o termo bibliotecário médico foi a primeira expressão a ser utilizada para definir o bibliotecário de Ciências da Saúde, sendo “priorizado para representar o profissional que trabalha em bibliotecas médicas” (GALVÃO; LEITE, 2008, p. 188), atendendo as demandas informacionais dos seus usuários especializados.

Entende-se o bibliotecário médico como o profissional que atua em instituições de ensino ou em hospitais, não compondo equipes médicas, mas auxiliando profissionais da saúde, pesquisadores, docentes, discentes e comunidade externa em suas necessidades informacionais, de maneira geral cooperando no diagnóstico médico. Desta forma, realizam pesquisas bibliográficas, disseminação seletiva da informação e ofertas sobre fontes de informação e comunicação na área da saúde (BERAQUET E CIOL, 2009a, não paginado).

O espaço de trabalho do bibliotecário médico está nas bibliotecas universitárias e das faculdades de Medicina ou bibliotecas hospitalares do país. (GALVÃO; LEITE, 2008). A premissa é confirmada por Beraquet e Ciol (2010, p. 131) ao comentarem que “a Biblioteconomia tem que sair da biblioteca e das demais “caixas” onde é exercida e ir, de uma vez por todas, para onde está seu cliente”. Esse debate também aparece na literatura internacional em estudos como de Nolan (2001), Silva (2005), Pappas (2012), Heimlich (2014), Bartkowiak; Safford; Stratman (2014). Esses últimos autores sugerem que a ampliação das competências profissionais permitiu a atuação em novos locais de trabalho.

As bibliotecas médicas universitárias possuem usuários reais e potenciais. São considerados reais, os discentes, docentes, residentes,

pesquisadores, profissionais da saúde e pacientes, já os potenciais são a comunidade externa e familiar dos pacientes. Este segundo, são aqueles que não utilizam regularmente a biblioteca, mas que possuem necessidades informacionais que podem ser solucionadas por esta.

Segundo Galvão e Leite (2008, p. 181), tanto os familiares quanto os pacientes, por muitas vezes, recebem do profissional de saúde informações complexas em relação ao estado de saúde e por isso necessitam de informações extras para responder suas indagações sobre a enfermidade, exames, terapias e medicamentos. Também buscam conhecimento e informações complementares para melhor entender o que o médico explica, bem como medidas de cuidados e terapias extras que podem ser administrados. Neste sentido, o bibliotecário médico pode e deve realizar um importante papel nas instituições em que atua, sobretudo no que tange à oferta de informações mais compreensíveis.

Outra importante atividade desenvolvida pelos bibliotecários médicos é a docência. (CRESTANA, 2003; SILVA, 2005; MOTTA; OLIVEIRA, 2005; KELHAM, 2014). Eles ministram aulas nos cursos de saúde e programas de graduação, onde ensinam sobre fontes de informação especializada, competência em informação, metodologia de pesquisa, ciclo de vida de pesquisa, plágio, cursos de formação continuada disponíveis, entre outros tópicos. A atividade docente realizada por bibliotecários médicos apoia, atualiza e contribui para a formação e o contínuo aperfeiçoamento dos médicos, estudantes, pesquisadores e demais usuários da biblioteca, refletindo, assim, no desenvolvimento da pesquisa médica, na tomada de decisão e no atendimento ao paciente.

No Brasil, destacamos o trabalho da professora Maria Cristiane Barbosa Galvão, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Maria Cristiane é bibliotecária de formação e atua como docente e pesquisadora no curso de Medicina. Neste, ministra disciplinas como: Comunicação e Difusão dos Conhecimentos em Saúde; Documentação em Saúde; Fontes de Informação em Saúde; Tecnologias da Informação em Saúde; e Terminologias em Saúde (GALVÃO, 2019).

No que se refere aos conhecimentos e competências necessárias ao desempenho eficiente e eficaz do trabalho do bibliotecário médico, temos nos estudos de Kajberg e Lorrington (2005 *apud* AZEVEDO; BERAQUET, 2010, p. 201) uma importante contribuição. Para os autores, este profissional deve “aplicar os conceitos teóricos da competência informacional na prática, visando facilitar o acesso à informação e ajudar os usuários a satisfazerem suas necessidades informacionais”.

Krieger (2010) recomenda conhecimentos acerca da terminologia⁴ técnica da área de Ciências da Saúde. Para a autora, este domínio é essencial pois evitará ambiguidades e maior precisão nos processos de pesquisa. A relação entre a terminologia médica e a documentação se dá para fins de organizar a informação para a sua recuperação, integrando, assim, os vocabulários controlados utilizados nas atividades de indexação dos documentos. Essa aproximação está diretamente ligada à apropriação das linguagens (linguagem natural, linguagem especializada, entre outras), como explicitado pela autora:

Os cientistas buscaram, assim, criar uma linguagem diferenciada, com limites formais demarcados entre o componente lexical especializado e aquele utilizado nas comunicações ordinárias, com vista a evitar a polissemia e as ambiguidades do léxico comum. (KRIEGER, 2010, p. 94).

A linguagem documentária utiliza diversas operações no processo de indexação, o que requer uma maior eficácia dos sistemas de recuperação da informação, bem como seus processos de busca e recuperação. A utilização da terminologia também contribui com o fluxo comunicacional entre bibliotecário e demais membros da equipe, diminuindo ruídos e elevando a compreensão. Nas palavras de Kreiger (2010, p. 92), o termo é “um componente nuclear da comunicação profissional e jamais acessório, tanto que não há comunicação profissional sem uso da terminologia da área”.

⁴ Trata-se de linguagem especializada que é utilizada no âmbito das atividades profissionais especializadas, baseando-se em um vocabulário e em usos linguísticos específicos desse domínio, com o intuito de fornecer uma comunicação sem ruídos ou interpretações errôneas, ou seja, propiciando a cada área do conhecimento vincular conceitos próprios. Como exemplo, a autora cita a expressão “*confusão*”, que na área médica possui um significado e no meio jurídico possui outro (Krieger, 2010, p. 32)

Colocadas, ainda que brevemente, estas questões, verifica-se que há uma orientação de atenção e quiçá rediscussão do processo formativo destes profissionais. Para Silva (2005), Galvão e Leite (2008) e Azevedo e Beraquet (2010), no Brasil a graduação em Biblioteconomia possibilita uma formação generalista – o que permitiria ao graduado atuar em diferentes áreas onde há estoques informacionais. Logo, os bibliotecários médicos “não diferem do perfil dos bibliotecários generalistas [...] para atuarem em bibliotecas especializadas” (AZEVEDO; BERAQUET, 2010, p. 199), visto que possuem tanto competências gerais quanto especializadas. Contudo, os mesmos autores alertam que quanto mais complexa for a área de atuação, maior será a necessidade de formação continuada para o desenvolvimento de competências específicas ao domínio de atuação.

Desta forma, a partir do exame de *Medical Library Association* (1992), Pinto (2005), Pereira (2005), Beraquet *et al.* (2006), Beraquet e Ciol (2009) e Azevedo e Beraquet (2010), compilamos abaixo os conhecimentos, habilidades e atitudes mais frequentemente listadas.

Quadro 3 - Bibliotecário médico – Competências requeridas

Conhecimentos	Habilidades	Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Terminologia da saúde (termos e descritores médicos);• Noções básicas sobre a saúde e especialidades;• Estratégias de recuperação da informação• Metodologias de pesquisa (tipos, classificação, métodos);• Diversas finalidades de uso da informação em saúde;• Políticas públicas de saúde;• Idiomas (preferencialmente inglês);• Sistema de informação em saúde (tipos e operações).	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver estratégias de buscas;• Excelência na comunicação oral e escrita;• Aptidão para o ensino;• Desenvolver programas de competência em informação (capacitar os usuários para saber reconhecer uma necessidade de informação, saber buscar, acessar, validar e usar a informação;• Habilidade em gestão;• Visão estratégica e prospectiva.	<ul style="list-style-type: none">• Proatividade;• Bom relacionamento interpessoal;• Comportamento ético;• Capacidade comunicativa

Fonte: Adaptado pelas autoras a partir dos estudos citados acima (2019).

Com os dados apresentados no quadro acima e a partir dos papéis arrolados na literatura, verifica-se que os bibliotecários médicos são profissionais essenciais ao desenvolvimento das práticas de informação em saúde. Contudo, há que se mencionar que tais aspectos são mutáveis e passam por constantes modificações. Em grande parte, tais alterações decorrem de movimentos no contexto sócio-histórico, político, econômico e que afetam as comunidades profissionais e, conseqüentemente, as práticas desenvolvidas. Como exemplo, citamos o resultado da evolução e aplicação da tecnologia na produção científica da área de saúde. Vive-se um momento de abundância informacional e, neste contexto, bibliotecas e bibliotecários parecem ser mais importantes do que nunca.

Neste contexto, Azevedo e Beraquet (2010, p. 215) sugerem que a formação continuada por meio de cursos, oficinas, especializações e treinamentos é condição indispensável para esta atuação profissional. Os autores ainda recomendam que tal formação não seja limitada ao campo biblioteconômico ou à Ciência da Informação. Nesse sentido, formações interdisciplinares na área de saúde devem ser monitoradas e valorizadas.

3.2 BIBLIOTECÁRIO CLÍNICO

O conceito de Biblioteconomia Clínica surgiu em 1971 com Gertrude Lamb, ao constatar a existência de uma lacuna entre o que a Medicina enquanto disciplina dispunha de conhecimento acumulado sobre assistência médica adequada e o conhecimento que realmente era aplicado no cuidado dos pacientes (ACARI; LAMB, 1977 *apud* LIPSCOMB, 2000, p. 393). Contudo, o termo bibliotecário clínico foi usado pela primeira vez em 1973 (SILVA, 1986, p. 299) no Encontro Anual da *Medical Library Association*.

Cimpl (1985) nos esclarece que a Biblioteconomia Clínica foi desenvolvida para colaborar com as equipes médicas, promovendo o provimento rápido das informações aos médicos e demais membros da equipe, capacitando-os com informações relevantes. Silva (1986, p. 299) complementa Cimpl ao dizer que “a Biblioteconomia Clínica se propõe a selecionar essas informações e levá-las para ambientes de cuidados do paciente, antecipando-se às solicitações dos

usuários”. Além disso, ela instiga o bibliotecário clínico a tornar-se membro da equipe de saúde, responsabilizando-se por fornecer informações aos demais profissionais, ou seja, a fazer a conexão entre a prática médica e a busca por melhores evidências na literatura, antecipando as necessidades informacionais da equipe médica, já que, a partir de inputs recebidos ou percebidos nas rondas clínicas, consegue agilizar o trabalho de pesquisa dos profissionais de saúde e, conseqüentemente, auxilia nas decisões clínicas.

O primeiro programa e experiência de Biblioteconomia Clínica no Brasil foi em 1986 no Hospital de Doenças do Aparelho Locomotor, em Brasília. Segundo Carvalho, Rios e Almeida (2014, p. 6) o programa foi proposto por Claudete Marlene Schaaf Silva em 1983, com o objetivo de verificar quais seriam as reais necessidades de informação do corpo clínico, aprimorar de forma eficiente o atendimento ao paciente e possibilitar o convívio entre profissionais da saúde e bibliotecários. Sobre este último aspecto, Silva (1986, p. 300) esclarece que “na fase inicial de implantação do programa, a aceitação do bibliotecário clínico como membro da equipe de saúde foi o primeiro e importante obstáculo superado”. Embora, a partir de 1990, o programa tenha sido interrompido, este oportunizou aos bibliotecários prospectar e expandir sua atuação não só em bibliotecas universitárias, centros e institutos de pesquisa, mas também em hospitais e, conseqüentemente, em equipes médicas.

Guimarães e Cadengue (2011, p. 158) explicam assim a atuação do bibliotecário clínico:

O bibliotecário clínico atua junto às equipes médicas, participando de todo o tratamento dos pacientes. Ao fazer parte das rondas, os bibliotecários colhem informações relevantes sobre o caso para realizar uma pesquisa especializada, atuando diretamente entre as necessidades informacionais e o corpo clínico.

Em 2009, Beraquet e Ciol (p. 1801), ao observarem os bibliotecários clínicos britânicos no exercício de sua função, perceberam que “o treinamento do bibliotecário no local de trabalho e a sua prática são as variáveis que mais contribuem para aquisição de competências”, bem como sua relação com os demais membros da equipe e profissionais da saúde, sendo esse elo primordial para o progresso da Biblioteconomia Clínica.

As autoras elencam o que seria exigido destes profissionais: conhecimento amplo dos desenhos de pesquisa em saúde, e também capacidade de avaliar criticamente a literatura e educação continuada para que possam estar aptos a “identificar, analisar, criticar e sistematizar o conhecimento sobre um tratamento, prognóstico ou prevenção” (BERAQUET; CIOL, 2009b, p. 1802), contribuindo, assim, para o uso e aprofundamento da MBE na tomada de decisões, garantindo o melhor atendimento aos pacientes.

As mesmas autoras buscaram na literatura internacional habilidades necessárias aos bibliotecários clínicos atuantes em equipes de saúde, sendo estas:

construção e manutenção de boa relação profissional com médicos, capacidade de fazer perguntas, capacidade de aprender e interesse por questões clínicas e científicas. Deseja-se também conhecimento clínico e de termos e descritores médicos, gestão de projetos, busca em bases de dados, prática baseada em evidências, métodos de pesquisa e noções de epidemiologia. (HARRISON; SARGEANT, 2004 *apud* BERAQUET; CIOL, 2009b, p. 1804).

Com este enquadramento e utilizando-se dos estudos de *Special Libraries Association* (1997), Florence *et al.* (2002), Walter (2005), Lappa (2004), Sargeant e Harrison (2003), Beraquet *et al.* (2007) e Biaggi e Valentim (2018), foi possível mapear os conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias ao bibliotecário clínico, como demonstrado a seguir.

Quadro 4 - Identificação dos conhecimentos, habilidades e atitudes desejáveis ao bibliotecário clínico

Conhecimentos	Habilidades	Atitudes
Fontes de informação da área de Ciências da Saúde; Disciplinas clínicas de anatomia, epidemiologia e de fisiologia; Termos e descritores médicos; Princípios da medicina baseada em evidências; Métodos de pesquisa; Políticas de saúde; Gerenciamento de projetos; Estratégias e mecanismos de busca e recuperação de informação; Avaliação de avaliar necessidades informacionais/clínicas;	Ter a capacidade de análise e síntese; Capacidade de aprender e se interessar por questões clínicas e científicas; Estar apto a interagir efetivamente com outros profissionais da saúde; Elaboração de produtos e prestar serviços de informação customizados para de fato atender as equipes multidisciplinares da saúde;	Controle emocional; Agilidade; Capacidade comunicativa; Comportamento ético e sem preconceitos.

Especialidades básicas em saúde.	Análise e uso de bases de dados; Trabalho em equipe; Síntese de perguntas de pesquisa.	
----------------------------------	--	--

Fonte: Adaptador a partir dos autores acima citados (2019).

Essa diversidade de competências evidencia que o profissional deve ser capaz de responder rapidamente com informações relevantes que apoiem as decisões, cumprindo o papel de agente de informação e de educador. Dessa forma, ele contribui com a melhoria da qualidade do atendimento prestado à população, além de trazer benefícios para os profissionais de saúde, para o setor e para a unidade ou instituição à qual está inserido.

Colocadas tais questões, verifica-se que esta atuação pode impactar na tomada de decisão da equipe clínica, na organização do sistema de saúde, no atendimento ao paciente e, conseqüentemente, na melhora ou não da qualidade e eficácia do tratamento. Desta forma, ressalta-se a necessidade de formação continuada de modo a auferir maior eficiência e eficácia na aplicação dos resultados de pesquisa e aplicação da evidência científica.

3.3 INFORMACIONISTA

O termo informacionista, segundo Galvão e Leite, surge com o intuito de

representar um profissional que possui conhecimento tanto no campo da organização e representação da informação quanto no próprio campo da saúde, e que compreende mais pormenorizadamente a terminologia do campo da saúde e contribui de forma ativa, seja na decisão médica, seja na construção do conhecimento médico. (GALVÃO; LEITE, 2008, p. 186).

O termo surgiu em 2000, a partir da publicação do artigo “*The informationist: a new health profession?*”, de Davidoff e Florance. Os autores propunham um profissional com quase as mesmas habilidades do bibliotecário clínico, porém com especificidades acrescidas. Em seu artigo, indicam que os bibliotecários clínicos, em alguns programas, começaram a participar mais ativamente na equipe clínica em que estavam inseridos, como parte integrante, e, por isso, a designação profissional deveria ser alterada para a nomenclatura informacionista.

Segundo Davidoff e Florance (2000), esse profissional tem como objetivo pesquisar, recuperar, extrair e sintetizar os conteúdos mais relevantes dos artigos e comunicar os resultados da pesquisa nas rondas, reuniões clínicas e conferências. Esse profissional deve disponibilizar seus serviços a todos os membros da equipe médica (médicos, enfermeiros, técnicos e administradores), assim como a pacientes e familiares.

Diferentemente do bibliotecário clínico, o informacionista é capaz de “realizar análise, sistematizar, agregar valor e determinar a validade dos conhecimentos que respaldam a prática clínica, mesmo sem intervenção dos especialistas” (BERAQUET; CIOL, 2009a, não paginado). Portanto, trata-se de um profissional de atuação em domínio e especializado.

No Brasil, a profissão informacionista é praticamente inexistente e, talvez por isso, a produção científica nacional sobre este especialista é incipiente. A pouca produção existente apoia-se fundamentalmente nos estudos de Davidoff e Florance (2000) e Plutchak (2000) para descrever o perfil e competências.

De acordo com a revisão sistemática desenvolvida por Rankin, Grefsheim e Canto (2008), a justificativa para a proposta de um novo profissional de informação em Ciências da Saúde de Davidoff e Florance está relacionada a: 1) Falta de tempo que os médicos e demais profissionais da saúde têm para se dedicar à leitura; 2) Pacientes bem informados; 3) Pressões sobre os médicos para que pratiquem a medicina baseada em evidências, reduzindo os riscos, garantindo a segurança do paciente e oferecendo cuidados custo-eficácia; 4) Informações em formatos dispersos com indexação e acessibilidade inconsistentes; 5) Mudanças na publicação acadêmica; 6) Tradução inconsistente e lenta da pesquisa na prática; 7) Falta de sínteses prontamente disponíveis (pré-embaladas) de evidências.

Colocadas tais questões, é importante compreender que o informacionista é um especialista na temática e na resolução de problemas informacionais no contexto da equipe de saúde. Sendo assim, ele atua sobre um grande volume de literatura e consegue validar as informações relevantes e válidas para aquele contexto especial (HERSH, 2002).

Para Rankin, Grefsheim e Canto (2008), a atuação de um informacionista

em equipes médicas traz resultados positivos, pois esse especialista preenche as necessidades de informação de forma mais eficiente, economiza o tempo dos profissionais de saúde, fornece informações que levam a mudanças no atendimento ao paciente, identifica recursos de informação e pontos de vista que geralmente não são procurados, promove discussões positivas ao corpo clínico, fornece evidências quando necessárias e possibilita novos conhecimentos ou aprendizado.

Polger (2010) comenta que a maior vantagem do serviço informacionista está em integrar totalmente os recursos da biblioteca ao cenário clínico. Indica ainda que, em consonância com a maior parte da literatura, a diferença do papel do informacionista em relação aos outros papéis bibliotecários está no seu conhecimento especializado e local de trabalho, ou seja, diretamente no ambiente clínico. Contudo, tanto Rankin, Grefsheim e Canto (2008) quanto Polger (2010) relatam que existem inconsistências quanto à forma como este conhecimento é definido ou obtido e que as práticas são desenvolvidas, em grande parte, de forma semelhante.

Contudo, para desenvolver estas atividades, uma série de competências e habilidades são necessárias, sendo as mais comuns na literatura examinada sintetizadas no quadro abaixo.

Quadro 5 - Competências desejáveis ao profissional Informacionista

Conhecimentos	Habilidades	Atitude
<ul style="list-style-type: none">• Terminologia de ciências da saúde;• Especialidades clínicas;• Métodos e ciclo de vida da pesquisa clínica;• Política e sistema regulatório da área da saúde;• Princípios da epidemiologia clínica• Sistemas de informação em saúde;• Domínio de aplicações de informática em saúde;• Experiência em pesquisas alicerçadas no princípio da medicina baseada em evidência;• Mecanismos de recuperação da informação;	<ul style="list-style-type: none">• Capacidade comunicativa;• Proatividade;• Serviço de atendimento ao cliente;• Síntese de informação;• Gestão do conhecimento;• Análise de artigos clínicos ou de pesquisa;• Pesquisa e localização de informações;• Ética em pesquisa clínica;• Avaliar criticamente;	<ul style="list-style-type: none">• Proatividade;• Liderança;• Pensamento crítico;

<ul style="list-style-type: none">• Gestão de projetos;• Idiomas;• Fontes informacionais;• Bioestatística;• Design e análise de pesquisas;• Sistemas de gestão do conhecimento.		
--	--	--

Fonte: Adaptado a partir de (RANKIN; GREFSHEIM; CANTO, 2008; COOPER, 2011 e FEDERER, 2013).

Para o alcance destas competências, espera-se que estes profissionais continuem com os processos de aprendizagem no domínio clínico e biblioteconômico. Esses processos inclusive podem ocasionar especializações e novos papéis de atuação do informacionista, tais como o bioinformacionista que atua no armazenamento, recuperação, organização e análise de dados biológicos e o informacionista de saúde pública que fornece informações àqueles que trabalham no setor de saúde pública e apoia decisões críticas de políticas de saúde (COOPER; CRUM (2013). Há ainda indicação de informacionistas biomédicos e informacionistas de pesquisa (DEARDORFF; FLORANCE; VANBIERVLIET, 2016).

Sladek, Pinnock e Phillips (2004) sugerem que o papel do informacionista é relevante no século 21 e que este profissional contribui para melhores resultados relativos à tomada de decisões, educação clínica, ações em consonância com a literatura publicada e gestão do conhecimento na área clínica. Contudo, Rankin, Grefsheim e Canto (2008) alertam, bibliotecas interessadas em desenvolver programas de informacionistas devem preparar-se financeiramente para tal, haja visto que estes programas de formação envolvem alto custo.

Os programas de formação e atuação dos informacionistas ainda são recentes, ou seja, têm apenas 19 anos. Entretanto, muitas lições foram aprendidas e algumas compartilhadas na literatura, sendo assim, sugere-se que este debate seja ampliado inclusive como forma de reconhecer o que poderia ter sido feito melhor e também para ajudar os outros a melhor planejar o que poderia ter sido feito desde o início de programas desta natureza.

3.3.1 Informacionista de pesquisa

Como mencionado acima, a especificidade do trabalho do informacionista permitiu a criação de novas subespecializações, sendo de maior destaque o informacionista de pesquisa. Segundo Federer (2013, não paginado) em abril de 2011 a National Library of Medicine (NLM) objetivando gerenciar de modo adequado os conjuntos de dados gerados em pesquisa e reconhecendo que poucos os pesquisadores que possuem treinamento ou experiência neste tipo de atividade, financiou um bibliotecário para se juntar a uma equipe de pesquisa da University of California – Los Angeles (UCLA) e este recebeu a denominação de informacionista de pesquisa.

Federer (2014, p.1, tradução nossa) conceitua informacionista de pesquisa como “um profissional da informação que presta serviços especializados a pesquisadores em suas necessidades”, podendo ser em um ambiente de laboratório ou de pesquisa clínica. Para DeRosa e Martin (2018, p. 1) mais e mais bibliotecários estão trabalhando como parceiros e colaboradores na pesquisa, não apenas fornecendo serviços auxiliares de apoio aos pesquisadores, mas também promovendo parcerias através de serviços de divulgação e com foco no domínio.

Tal profissional trabalha com equipes de pesquisa em cada etapa do processo de pesquisa, desde o começo do projeto colaborando na revisão da questão, no quadro PICO, auxilia no estreitamento e refinamento da questão de pesquisa, auxilia no desenvolvimento da estratégia de pesquisa, sugere bancos de dados apropriado, fornece orientação especializada, gerenciamento de dados, respostas a questões de direitos autorais e acesso aberto conforme as políticas da instituição financiadora. (DEROSA; GIBSON; MORRIS, 2016 *apud* DEROSA; MARTIN, 2018, p. 3).

Após a conclusão do projeto, os informacionistas de pesquisa também ajudam os pesquisadores na preservação, preparação de dados para compartilhamento, curadoria dos dados, análise bibliométrica e análise de redes para identificar potenciais colaboradores da pesquisa. Além desses papéis, este profissional também auxilia a equipe de pesquisa instruindo-a em informação,

literacia de dados e gestão. Essas assistências prestadas pelo informacionista de pesquisa são uma extensão daquelas ofertadas pelas bibliotecas.

Para Boyce, Gibson e Matsoukas (2018, p. 72), o informacionista de pesquisa contribui, de forma vital, para o avanço das atividades de prática baseada em evidências⁵ (EBP). Tal se dá à medida que compartilham seus conhecimentos na busca e avaliação da literatura pesquisada, promovendo as melhores práticas em como identificar e avaliar informações e pesquisas publicadas e como aplicá-las. São elencados como conhecimentos, habilidades e competências para manter-se relevante em uma equipe de pesquisa (MACMILLAN, 2015 *apud* KOLTOY, 2016), conforme indicado a seguir.

Quadro 7 - Competências desejáveis ao informacionista de pesquisa

Conhecimentos	Habilidades	Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Domínio clínico e biblioteconômico;• Análise de dados;• Políticas de publicação de acesso aberto;• Políticas de financiamento;• Direito autoral;• Fontes de informação;• Preservação digital;• Ferramentas de manipulação de dados;• Mineração de dados;• Gerenciamento de dados e curadoria;• Software de gerenciamento bibliográfico;• Experiência com software para apoiar as principais etapas do processo para revisões sistemáticas da literatura (por exemplo, Distiller, Coevidence);• Fluência em idiomas	<ul style="list-style-type: none">• Seleção de recursos de informação para apoiar as necessidades de pesquisa da instituição;• Cumprir os vários mandatos dos financiadores, incluindo os requisitos de Open Access (OA);• Instrução de alfabetização informacional;• Desenvolvimento de revisões sistemáticas da literatura (SLRs);• Comunicação verbal e escrita;	<ul style="list-style-type: none">• Foco no cliente;• Flexibilidade;• Iniciativa;• Diligência e resposta rápida;• Trabalho em equipe;

Fonte: (FEDERER, 2013; 2014; AUCKLAND, 2012 *apud* KOLTAY, 2016; DEROSA; MARTIN, 2018; BOYCE; GIBSON; MATSOUKAS, 2018, MEDICAL LIBRARY ASSOCIATION, 2019).

Tais conhecimentos, habilidades e competências são fundamentais, pois as responsabilidades dos informacionistas envolvem antecipar as necessidades de pesquisa de seus usuários – que por vezes são tão mutáveis quanto a natureza do conhecimento – e supri-las. Além disso,

⁵ Evidence-based practice (EBP).

fazer parte de uma equipe clínica/de pesquisa pode oferecer muitas oportunidades para os informacionistas participarem e contribuir de forma mais significativa no processo de comunicação acadêmica de maneiras que vão muito além das tarefas tradicionais de "bibliotecário". (BOYCE; GIBSON; MATSOUKAS, 2018, p. 77, tradução nossa).

No Brasil, como mencionado anteriormente, não se sabe ainda da existência de algum bibliotecário atuando formalmente como informacionista de pesquisa, porém pode-se dizer que temos algumas práticas relacionadas a este perfil, especialmente no que tange à atuação com revisões sistemáticas de literatura. Como exemplo, citamos a professora Martha S. Martinez Silveira, bibliotecária do Instituto Gonçalo Moniz da Fundação Oswaldo Cruz na Bahia, que atua em grupos de pesquisa e de revisões sistemáticas (MARTINEZ-SILVEIRA, 2019). Há também a bibliotecária Daniele Masterson T. P. Ferreira, que trabalha na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atua com as temáticas de orientação de pesquisa dos protocolos de busca para revisão sistemática, pesquisa em fontes sobre Medicina Baseada em Evidências, tratamento da informação, disseminação e recuperação da informação em saúde (FERREIRA, 2019).

As bibliotecárias mencionadas acima realizam algumas das atividades próprias do perfil informacionista de pesquisa e provavelmente outros bibliotecários também devem desenvolver determinadas tarefas exclusivas deste profissional. Assim como Davidoff e Florance (2000), acreditamos que a inserção de programas de informacionistas trará benefícios tanto para o corpo médico e pacientes quanto para os bibliotecários, como novas oportunidades de atuação. Para tanto, faz-se necessário ampliar debates e evidenciar a necessidade de discussões sobre esta temática, inclusive no GT 11 – Informação & Saúde do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), onde são tratados assuntos desta área.

4 OPORTUNIDADES PARA O BIBLIOTECÁRIO TRABALHAR NA ÁREA DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE NO BRASIL

Segundo Prudencio (2019), no cenário brasileiro, o maior empregador de

bibliotecários de Ciências da Saúde ainda são as bibliotecas universitárias. Ainda são poucos os que atuam em hospitais e mesmo esses desenvolvem atividades geralmente relacionadas apenas ao perfil do bibliotecário médico.

O desenvolvimento da MBE exige do profissional de saúde o imperativo de integrar sua experiência clínica à busca, análise, interpretação do último conhecimento disponível e acessível na literatura médica, visando melhorar o cuidado com o paciente e oferecer prognósticos mais efetivos. Neste sentido, cresce a necessidade de busca e utilização estudos secundários, tais como revisões sistemáticas de literatura e metanálises⁶.

Nesta linha, a integração do bibliotecário às equipes de saúde é essencial, cabendo a ele: a busca e seleção adequada dos estudos, a partir de estratégias qualificadas e documentadas; a avaliação dos vieses na identificação e seleção dos estudos; a descrição e avaliação de heterogeneidade; a justificativa do uso dos métodos de avaliação de dados; e a realização de análises primárias.

Para além das oportunidades de atuação já mencionadas, verificamos que também há oportunidades de exercício das práticas biblioteconômicas no âmbito da saúde pública, como, por exemplo:

Secretarias de Saúde: desenvolvendo ações de competência em informação, promoção da saúde e como pesquisador para o desenvolvimento de políticas públicas de saúde. Segundo Cielo, Schmidt e Wenningkamp (2015, p. 222) essas políticas públicas são baseadas no princípio do Sistema Único de Saúde (SUS), qual seja, a de oferecer acesso integral, universal e gratuito ao sistema de saúde pública a todos os brasileiros. Com isso, a atuação do bibliotecário em equipes multidisciplinares de saúde se faz relevante, visto que ele participa no desenvolvimento dessas políticas (coautoria) por meio de pesquisas em base de dados sobre um ou mais assuntos, identifica quais tipos de informação são necessárias para a construção de uma política, campanha ou programas de prevenção de doenças afim de melhorar as condições de saúde da população.

⁶ Metanálises são análises estatísticas que sumarizam as medidas de associação de dois ou mais estudos independentes, gerando, dessa forma, uma única medida de associação. (BRASIL, 2014, p. 16).

Gestão de Dados – Desenvolvimento de repositórios de dados institucionais: a área da saúde produz muito dados de diferentes naturezas e que precisam ser organizados e tratados. Os bancos de dados são ferramentas importantíssimas para o planejamento e avaliação das políticas públicas de saúde. O bibliotecário, nesse sentido, pode contribuir no gerenciamento de dados e informações que possibilitem a identificação, conhecimento, análise e compreensão dos diversos problemas de saúde da população, possibilitando as tomadas de decisão.

Sistemas de Informação em Saúde (SIS): o bibliotecário pode colaborar no desenvolvimento e gerenciamento de informações, como os Registros Eletrônicos em Saúde e Prontuários Eletrônicos dos Pacientes, que subsidiarão as tomadas de decisão sobre ações a serem desenvolvidas a respeito de uma determinada situação de saúde.

Para além destas elencadas acima, há cabimentos em comitês de ética e pesquisa, hospitais de ensino, consultorias em projetos, agências de financiamento, associações de classe, editoras científicas, revisão e orientação de trabalhos científicos, entre outros.

O ambiente digital apresenta outros cabimentos interessantes, como, por exemplo, atuando no desenvolvimento de bibliotecas virtuais de saúde, como é o caso da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) da BIREME – Centro Latino-americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, que tem por objetivos a gestão de informação, o intercâmbio do conhecimento e a organização da evidência científica em saúde; e onde uma pequenina parcela de bibliotecários atuam (BERQUET; CIOL, 2003, p. 59; BERAQUET *et al.*, 2007, não paginado).

Biaggi e Castro Filho (2017a) descrevem em seu estudo a atuação do bibliotecário na área da saúde no contexto da gestão dos fluxos de informação. Para os autores é fundamental que esse profissional atue nesse ambiente, pois ele contribui na otimização e gerenciamento dos fluxos informacionais além de cooperar, auxiliar e orientar os profissionais da saúde em suas atividades diárias.

Sob esta perspectiva, a atuação como gestor da informação opera visando a melhoria contínua no acesso, compartilhamento e uso da informação

para que os serviços oferecidos aos pacientes (no atendimento, na tomada de decisões) sejam de qualidade.

Colocadas tais questões, é evidente o potencial de atuação e contribuição do bibliotecário à área da saúde. Contudo, o enfoque sobre a formação deste profissional é questão urgente.

No estudo realizado por Prudencio e Biolchini (2018) com o propósito de averiguar se nos cursos presenciais e à distância de Biblioteconomia (bacharelado) existia alguma disciplina ou tópico nos conteúdos pragmáticos que abordasse temas como informação e saúde e atuação do bibliotecário na área da saúde, foi evidenciado que ainda é necessário ampliar os debates sobre essa atuação do bibliotecário, da mesma forma que é necessário apresentar essa área aos graduandos de Biblioteconomia no decorrer do curso, visto que são poucas as instituições de ensino que oferecem curso, disciplina ou tópico voltadas especificamente para este campo.

Desde 2006, Beraquet, Ciol, Oliveira, Chiavaro e Chagas já discutiam sobre este assunto. Segundo eles,

Cabe às Faculdades de Biblioteconomia, preocupadas com o novo profissional da informação, estenderem e ampliarem as investigações sobre as competências essenciais ao bibliotecário. Porém, tão urgente quanto, é que os cursos e programas adotem medidas reais, mesmo que tímidas no princípio, que possam ir transformando o bibliotecário num ser interdisciplinar cada vez mais flexível e indispensável a qualquer área do conhecimento. (BERAQUET *et al.*, 2006, p.13).

Destarte, verifica-se que o bibliotecário pode oferecer uma grande contribuição para a área. Para tanto, reforçamos a necessidade de constante aperfeiçoamento do profissional e da formação acadêmica que apresente o setor da saúde como área de oportunidade. Igualmente, entendemos que o debate sobre a área de informação em saúde pode ser abrangido em projetos de iniciação científica e extensão universitária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou apresentar as diferentes ocupações profissionais desempenhadas por bibliotecários que atuam na área da saúde. Conforme os resultados obtidos, foi possível alcançar os objetivos geral – ao conceituarmos

na seção 3 as categorias ocupacionais bibliotecário médico, bibliotecário clínico, informacionista e informacionista de pesquisa, a partir da produção científica nacional e internacional – e específicos, bem como responder à questão de pesquisa.

O trabalho em tela oferece uma contribuição à produção científica no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, bem como ao apresentar um panorama geral da prática biblioteconômica no campo.

Ademais, o estudo reforça a necessidade formação continuada visando contribuir com o desenvolvimento de competências e melhorar as práticas dos bibliotecários atuantes na área. Recomendamos que futuros egressos que desejarem atuar na área realizem estágios em hospitais, clínicas, centros de saúde e institutos de pesquisa, entre outros. Estas experiências podem ampliar suas oportunidades de empregabilidade e igualmente melhorar sua performance. Na mesma linha, os programas de iniciação científica e extensão em instituições da área da saúde constituem-se como oportunidades de aprendizagem em campo.

Outrossim, entendemos que é necessário que as escolas de biblioteconomia ampliem os componentes curriculares relacionados à área da saúde e igualmente encorajem seus alunos a cursar disciplinas em domínios como Medicina, Saúde Pública e Enfermagem.

No contexto brasileiro, frente às oportunidades existentes, verificou-se que a área da saúde ainda carece de profissionais para atuar na organização, tratamento, gestão e provimento da informação aos profissionais. Com isso, os bibliotecários devem buscar visibilidade social e profissional e evidenciar que podem contribuir com o desenvolvimento científico e empírico da área.

Acredita-se que a temática apresentada nesta pesquisa ainda é pouco debatida e explorada no Brasil pelos bibliotecários. Por esse motivo, sugerimos que pesquisas futuras, ou desdobramentos desse estudo, explorem as trajetórias e práticas profissionais desenvolvidas pelos bibliotecários de Ciências da Saúde atuantes no Brasil, com o intuito de fomentar o interesse de mais bibliotecários e graduandos do curso de Biblioteconomia. Dessa forma, cada vez mais a Biblioteconomia e a Ciência da Informação poderão contribuir de forma

significativa com o desenvolvimento da pesquisa em saúde, e, conseqüentemente, com a melhoria da saúde da população.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. W.; BERAQUET, V. S. M. Formação e competência informacional do bibliotecário médico brasileiro. **Rev. Digit. Bibl, Ciênc. Inf.**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 199-218, jan./jun. 2010.
- BARTKOWIAK, B. A.; SAFFORD, L. A.; STRATMAN, E. J. Assessing the impact of a medical librarian on identification of valid and actionable practice gaps for a continuing medical education committee. **J. Contin. Educ. Health Prof.**, [s.l.], v. 34, n.3, p. 186-194, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25258131>. Acesso em: 7 set. 2018.
- BERAQUET, V. S. M. *et al.* Desenvolvimento do profissional da informação para atuar em saúde: identificação de competências. **Rev. Digit. Bibl, Ciênc. Inf.**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 1-16, 2006.
- BERAQUET, V. S. M. *et al.* Bibliotecário clínico no Brasil: em busca de fundamentos para uma prática reflexiva. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 8., 2007, SALVADOR. **Anais [...]**. Salvador: UFMG, 2007.
- BERAQUET, V. S. M.; CIOL, R. O profissional da informação no paradigma virtual: atuação em saúde pública. **Biblios**, Lima, v. 4, n. 16, 2003. p. 54-64.
- BERAQUET, V. S. M.; CIOL, R. O bibliotecário clínico no brasil: reflexões sobre uma proposta de atuação em hospitais universitários. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2009.
- BERAQUET, V. S. M.; CIOL, R. Bases para o desenvolvimento da biblioteconomia clínica no hospital da PUC-Campinas: capacitação de bibliotecários. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 10., 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2009.
- BIAGGI, C.; CASTRO FILHO, C. M. A atuação do bibliotecário na área da saúde com enfoque no contexto da gestão do fluxo informacional. *In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 7., 2017, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2017. p. 270-283.
- BIAGGI, C.; CASTRO FILHO, C. M. Atuação do bibliotecário na área da saúde: reflexões. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017.
- BIAGGI, C.; VALENTIM, M. L. P. Perspectivas e tendências da atuação do bibliotecário na área da saúde. **REBECIN**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 27-32, 2018.

BOYCE, L. M.; GIBSON, D. S.; MATSOUKAS, K. Role in evidence-based practice. *In*: DEROSA, A. P. **A practical guide for informationists**. Sawston, Cambridge: Chandos Publishing, 2018. 100 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Diretrizes metodológicas**: elaboração de revisão sistemática e metanálise de estudos observacionais comparativos sobre fatores de risco e prognóstico. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRETTLE, A.; MADEN, M.; PAYNE, C. The impact of clinical librarian services on patients and health care organisations. **Health Inf. Libr. J.**, Oxford, v. 33, n. 2, p. 100-120, 2016.

CARVALHO, M. J. J.; RIOS, S. V. S.; ALMEIDA, R. Criação do grupo de bibliotecários em ciências da saúde em âmbito nacional. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL “A MEDICINA NA ERA DA INFORMAÇÃO”, 3., 2014, Bahia. **Anais [...]**. Bahia: UFBA, 2014.

CASTIEL, L. D.; PÓVOA, E. C. Medicina baseada em evidências: “novo paradigma assistencial e pedagógico”? **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, Cotucatu, v. 6, n. 11, p.117-121, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v6n11/08.pdf>. Acesso em: 27 out. 2019.

CIELO, I. D.; SCHMIDT, C. M.; WENNINGKAMP, K. R. Políticas públicas de saúde no Brasil: uma avaliação do IDSUS no estado do Paraná (2011). **DRd-Desenvolvimento Regional em debate**, Paraná, v. 5, n. 1, p. 211-230, 2015.

CIMPL, K. Clinical medical librarianship: a review of the literature. **Bulletin of the Medical Library Association**, v. 73, n. 1, p. 21-28, jan. 1985.

CIOL, R.; BERAQUET, V. S. M. Evidence and information: the challenges for medicine in the next decade. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 221-230, 2009.

COOPER, I. D. Is the informationist a new role? A logic model analysis. **J. Med. Libr. Assoc.**, Chicago, v. 99, n. 3, p. 189-192, 2011.

COOPER, I. D.; CRUM, J. A. New activities and changing roles of health sciences librarians: a systematic review, 1990-2012. **J. Med. Libr. Assoc.**, Chicago, v. 101, n. 4, p. 268-277, 2013.

CRESTANA, M. F. Bibliotecários da área médica: o discurso a respeito da profissão. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 134-149, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/view/365/183>>. Acesso em: 10 set. 2020.

DEARDORFF, A.; FLORANCE, V.; VANBIERVLIET, A. Assessing the national library of medicine’s informationist awards. **Journal eScience Librarianship**, Massachusetts, v. 5, n. 1, 2016.

DAVIDOFF, F. et al. Evidence based medicine: a new journal to help doctors identify the information they need. **BMJ**, London, v. 310, n. 6987, p. 1085-1086, 1995.

DAVIDOFF, F.; FLORANCE, V. The informationist: a new health profession? [editorial]. **Ann. Intern. Med.**, Philadelphia, v. 132, n. 12, p. 996-998, 2000.

DEROSA, A.P.; MARTIN, L. K. The informationist in the scientific setting. **Supporting Research and Clinical Practice**, 2018, p. 1-6. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780081020173000012>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FEDERER, L. The librarian as research informationist: a case study. **J. Med. Libr. Assoc.**, Chicago, v. 101, n. 4, p. 298-302, 2013.

FEDERER, L. **Exploring new roles for librarians**: the research informationist. San Rafael, CA: Morgan & Claypool Publishes, 2014.

FINAMOR, M. S.; LIMA, C. R. M. Bibliotecários em hospitais: práticas informacionais. **P2P & INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, v. 4 n. 1, p. 109-129, 2018. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/43948>. Acesso em: 25 ago. 2018.

FLORANCE, V. Informationist Careers for Librarians: A Brief History of NLM's Involvement. **Journal of eScience Librarianship**. n. 2., 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7191/jeslib.2013.1040>. Acesso em: 06 jun 2019.

GALVÃO, M. C. B. Disciplinas sobre informação em saúde ministradas entre 2008-2018 na Universidade de São Paulo. In: Encontro Ibérico EDICIC, 9., 2019, Barcelona. **Pré-prints** [...]. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2019. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/38440/>. Acesso em: 14 de abr. 2020.

GALVÃO, M. C. B.; LEITE, R. A. F. Do bibliotecário médico ao informacionista: traços semânticos de seus perfis e competências. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 181-191, 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/5633>. Acesso em: 6 out. 2018.

GOMES, H. F.; VARELA, A. Mediação da informação na área da medicina: possibilidades de interlocução entre os saberes científico, profissional e sociocultural. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.21, n.1, p.3-22, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v21n1/1413-9936-pci-21-01-00003.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GIUSE, N. B. et al. Evolution of a mature clinical informationist model. **Journal of the American Medical Informatics Association**: JAMIA, v. 12, n. 3, p. 249–255, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1197/jamia.M1726>. Acesso em: 20 mar. 2019.

GUIMARÃES, A. G. R.; CADENGUE, M. A interferência da biblioteconomia clínica para o desenvolvimento da saúde. **Dig. Bibl. Ci. Inf.**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 150-165, 2011. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/18285>. Acesso em: 2 dez. 2018.

HEIMLICH, S. L. New and emerging roles for medical librarians. **Journal of Hospital Librarianship**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 24-32, out. 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15323269.2014.859995>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LAPPA, Evagelia. Clinical Librarianship (CL): A Historical Perspective. **E-JASL**, [s.l.], v. 5, n. 2-3, set. 2004. Disponível em: http://southernlibrarianship.icaap.org/content/v05n02/lappa_e01.htm. Acesso em: 20 fev. 2018.

LIPSCOMB, C. Clinical librarianship. **Bulletin of the Medical Library Association**, v.88, n.4, p.393-396, 2000.

LI, P.; WU, L. Are health sciences librarians taking the evidence-based medicine challenge? **Proceedings of the Annual Conference of CAIS / Actes du congrès annuel de l'ACSI**, Alberta, 2008. Disponível em: <https://journals.library.ualberta.ca/ojs.ca-is-acsi.ca/index.php/cais-ascii/article/view/122>. Acesso em: 14 set. 2018.

KELHAM, C. Health care librarians and information literacy: an investigation. **Health Inf. Libr. J.**, Oxford, v. 31, n. 3, p. 235-238, 2014.

KOLTAY, T. Are you ready? Tasks and roles for academic libraries in supporting research 2.0. **New Library World**, London, v. 117, n. 1/2, p. 94-104, 2016.

KRIEGER, M. G., Características da terminologia médica. In: PINTO, V. B.; SOARES, M. L. (org). **Informação para área de saúde: prontuário do paciente, ontologia de imagem, terminologia, legislação e gerenciamento eletrônico de documentos**. Fortaleza: Edições UFC, 2010, p. 89-100.

MEDICAL LIBRARY ASSOCIATION. **Platform for change: the educational policy statement of the Medical Library Association**. Chicago: The Association, 1992.

MOJGAN, Z. et al. How clinical librarian acts in evidence-based medicine? a systematic review. **BMJ Open**, [s.l.], v. 7, n. 1, 2017.

MOTA, Francisca Rosaline Leite; OLIVEIRA, Marlene de. Formação e atuação profissional. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Cap. 5. p. 97-110.

NOLAN, S. The Medical Librarian. **Canadian Library Association**, v. 47, n. 5, p. 232-233, 2001.

PEREIRA, E. A. J. **O perfil do bibliotecário da área de ciências da saúde em Santa Catarina**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

PINTO, R. R. **O profissional da informação em Ciências da Saúde: subsídios para o desenvolvimento de cursos de capacitação no Brasil**. 2005. 118f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde). Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005.

PLUTCHAK, T. S. Informationists and librarians [editorial]. **Bull Med Libr Assoc.** v. 88. n.4, p.391–392, out. 2000.

POLGER, M. A. The informationist: ten years later. **Journal of Hospital Librarianship**, [s.l.], v. 10, n. 4, p. 363-379, 2010.

PAPPAS, C. Medical Librarian Rounding with an iPad. **Library Technology Reports**, n.8, p. 22-27, nov. 2012. Disponível em: <https://journals.ala.org/index.php/ltr/article/view/4284>. Acesso em: 22 fev. 2019.

PRUDENCIO, D. S.; BIOLCHINI, J. C. A. . Informação e saúde nos currículos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 6779-6799.

PRUDENCIO, D. S. **Trilhas de aprendizagem dos bibliotecários de Ciências da Saúde à luz da aprendizagem situada**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, 2019.

RANKIN, J. A.; GREFSHEIM, S. F.; CANTO, C. C. The emerging informationistspecialty: a systematic review of the literature. **J. Med. Libr. Assoc.**, Chicago, v. 96, n. 3, p. 194-206, 2008.

SACKETT, D. L. et al. Evidence based medicine: what it is and what it isn't. **BMJ**, London, v. 312, n. 7023, p.71-72, jan. 1996. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8555924>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SARGEANT, S. J. E.; HARRISON, J. Clinical librarianship in the UK: temporary trend or permanent profession? Part I. **Health Inf. Libr. J.**, Oxford, v. 21, n. 3, p. 173-181, 2004.

SCHANCHER, L. F. Clinical librarianship: its value in medical care. **Ann. Intern. Med.**, Philadelphia, v. 134, n. 8, p. 717-720, 2001.

SILVA, C. M. S. Biblioteconomia clínica em uma comunidade hospitalar. **R. Bibliotecon.**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 299-303, 1986.

SILVA, F. C.C. **Bibliotecários especialistas**: guia de especialidades e recursos informacionais. Brasília, DF: Thesaurus, 2005.

SLADEK, R. M.; PINNOCK, C.; PHILLIPS, P. A. The informationist: a prospective uncontrolled study. **Int. J. Qual. Health Care**, Oxford, v. 16, n. 6, p. 509–515, 2004.

TRAVASSOS, G. H. et al. A environment to support large scale experimentation in Software Engineering. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON ENGINEERING OF COMPLEX COMPUTER SYSTEMS, 13., 2008, Belfast. **Proceedings** [...]. Belfast, UK: IEEE, 2008. p. 193-202.

WALTER, M. T. M. T. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Economia, Contabilidade e Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5288/1/2008%20Maria%20Tereza%20Machado%20Teles%20Walter.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019.

HEALTH INFORMATION PROFESSIONAL: PROFILES, ACTIVITIES AND OTHER DISCUSSIONS

ABSTRACT

Introduction: This article approaches different professional occupations performed by librarians in the area of Health Sciences. **Objective:** With the main objective of finding out how the national literature defines the occupational categories medical librarian, clinical librarian, informationist, as well their respective attributions. **Methodology:** It presents research built with a quasi-systematic review, bibliographic (by its means), and exploratory-descriptive (by its purpose), and, from the data analysis and demonstration of results point of view, with qualitative approach. **Results:** It was verified that the university libraries inside schools and colleges in the health area keep being the biggest employers of these professionals. **Conclusions:** It considers that most of the necessary skills are developed in continuing training and working practices.

Descriptors: Librarianship in Health Sciences¹. Health Sciences librarians². Medical librarian³. Clinical librarian⁴. Informationist⁵.

PROFESIONAL DE LA INFORMACIÓN EN SALUD: PERFILES, DESEMPEÑO Y OTRAS DISCUSIONES

Introducción: Aborda las diferentes ocupaciones profesionales que desempeñan los bibliotecarios en el área de Ciencias de la Salud. **Objetivo:** Investigar cómo la literatura

nacional definelas categorías ocupacionales como bibliotecario médico, bibliotecario clínico, informacionista e investigador informacionista, así como sus respectivas funciones. **Metodología:** Es una investigación construida a través de una revisión cuasi-sistemática, de carácter bibliográfico (en cuanto a los medios) y exploratorio-descriptivo (en cuanto al fin), y, desde el punto de vista del análisis de datos y demostración de resultados, con un enfoque cualitativo. **Resultados:** Se presentaron las prácticas profesionales de los bibliotecarios que trabajan en el área de la salud y sus habilidades. Considera que buena parte de las competencias necesarias se desarrollan en la formación continua y en las prácticas laborales. Se encontró que las bibliotecas universitarias insertadas en las escuelas y colegios del área de la salud continúan siendo los mayores empleadores de estos profesionales. Conclusiones: Señala la necesidad de ajustes en la formación del bibliotecario con el fin de actuar en este campo y ampliar la producción científica sobre este desempeño.

Descriptores: Bibliotecología en salud. Bibliotecarios de Ciencias de la Salud. Bibliotecario médico. Bibliotecario clínico. Informacionista de investigación. Informacionista.

Recebido em: 09.04.2020

Aceito em: 18.11.2020